

DESINFORMAÇÃO CLIMÁTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A AÇÃO DO NÚCLEO DE COMBATE A DESINFORMAÇÃO DURANTE AS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL

THEODORA NUNES MARQUES¹; **RAQUEL RECUERO**³

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – thenunesm@gmail.com 1

³ Universidade Federal de Pelotas 3 – raquel@pontomidia.com.br 3

1. INTRODUÇÃO

Em sua história, o Brasil é marcado por desastres ambientais, devido às mudanças climáticas extremas. Um grande exemplo desse fenômeno pode ser analisado durante as enchentes que aconteceram no Rio Grande do Sul em maio de 2024. O evento que deixou 478 municípios afetados e cerca de 806 feridos, de acordo com o último boletim da Defesa Civil, em 20 de agosto deste ano, foi classificado como a maior catástrofe meteorológica do estado (CAROLINE BRITO, 2024).

Além dos impactos imediatos das chuvas, o agravamento da crise também foi alimentado pela desinformação climática. No contexto hodierno, esse agente tem ainda mais força, graças ao uso desenfreado das redes sociais. Desse modo, o problema ocorre de forma constante e em grande volume, devido a facilidade de publicar conteúdos não verificados sem restrição, causando o enfraquecimento do consenso científico e a fragilidade das informações oficiais e verdadeiras (ALEXANDER CHIODI, 2024). No viés de crise, esse movimento se fortalece consideravelmente e torna-se um dos principais motores da tragédia (MARINA LOUREIRO, 2024).

Lutando contra esse obstáculo, o Gabinete de Crise de Comunicação, vinculado à Secretaria de Comunicação (Secom), estabeleceu o Núcleo de Combate à Desinformação. O espaço, localizado no site oficial do SOS enchentes, emerge com a função de esclarecer, checar e monitorar possíveis *fake news*. A proposta inicial da ferramenta é desmentir as narrativas enganosas difundidas na mídia e disponibilizar a informação atualizada em grupos com a imprensa, no site e perfis oficiais do governo.

Este estudo busca entender como essa ferramenta atuou para esclarecer as falsas notícias e qual foi a abordagem predominante para contestá-las, levando em consideração a reação pública mediante as postagens.

2. METODOLOGIA

O conceito de desinformação climática, segundo a Academia Brasileira de Ciências (ABC, 2024), refere-se à disseminação de informações falsas, enganosas ou imprecisas sobre questões científicas. Concerne, assim, à distorção de dados acerca de crises ambientais, princípios e noções da ciência. Esse fator dá-se pela má interpretação de fatos, propagação de conteúdos mal fundamentados e materiais sensacionalistas. Trata-se de uma manifestação que transcende fronteiras geográficas e áreas de conhecimento, afetando a capacidade das pessoas de tomar decisões informadas e impactando a confiança nas instituições científicas e governamentais (ABC, 2024).

Neste prisma, o papel da comunicação é fundamental para informar, educar, entreter e formar opinião pública, especialmente em tempos de crise (MCQUAIL, 2012). Os meios de comunicação têm a responsabilidade de fornecer informações precisas e verificadas, sendo eixos da democracia e da coesão social. Metodologicamente, a presente pesquisa utiliza desses pilares em sua fundamentação, analisando os 34 materiais publicados pelo Secom no Núcleo de Combate à Desinformação, durante o período de 05/05/2024 a 14/06/2024, classificando suas abordagens de acordo com o conteúdo, linguagem e quais os meios de propagação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Painel de Indicadores de Mudanças Climáticas de Curitiba, indica que é empírico que as armas no combate à desinformação climática sejam multifacetadas. O uso de diversas tecnologias, a educação midiática, a construção do conhecimento científico, comunicações com mensagens preventivas, utilizando a técnica de argumentação e a informação jornalística enlaçada a dados e conteúdos oficiais, são ações eficazes em prol da mitigação e adaptação à mudanças climáticas (PANCLIMA 2024).

Entende-se, então, que a privação e limitação de meios no combate a esse tipo de conteúdo, seja impulsionado pelo sensacionalismo, pela má interpretação dos fatos ou pelo desconhecimento, dificulta o processo de combate às chamadas fake news - utilizada nesse contexto como um sinônimo de desinformação -.

Dos 35 materiais analisados, foram identificados 17 textos de cunho informativo, ou seja, têm como objetivo esclarecer diretamente uma afirmação falsa, fornecendo informações corretas e factualidade mas sem aprofundar-se no assunto. 14 educativos, onde este tipo de abordagem não apenas desmente a fake news, mas também educa o público sobre o ambiente inserido, as práticas corretas e a atuação das instituições. 3 contextuais, explicando o contexto pelo qual a informação estava inserida.

TIPO	QUANTIDADE	ATUALIZAÇÃO
Informativo	17	1
Educativo	14	-
Contextual	13	-
VINCULADOS A REDES	RESPOSTAS POSITIVAS	RESPOSTAS NEGATIVAS
7 (20%)	1 (14%)	6 (86%)

Nesse caso, os instrumentos desinformativos são descontextualizados, utilizando imagens e áudios referentes a outras situações. Dos objetos que foram vinculados a alguma publicação em redes sociais, apenas 7 dos 34 foram identificados, o que corresponde a 20% dos conteúdos.

Ainda, se considerarmos a eficácia dos procedimentos baseados na resposta pública (analisada através dos comentários dos *posts*), apenas 14% dos *reels* e *cards* (1 de 7) foi positiva, as demais tiveram reações negativas e contrariando as informações oficiais.

Dessa forma, comprehende-se que a falta de preencher as "lacunas" entre a desinformação e todo seu processo de propagação, é de suma importância no embate contra as falsas notícias. Essa ação - falha por parte do Núcleo - transforma, de certa forma, a atividade relativamente ineficaz.

4. CONCLUSÕES

O estudo dos materiais apurados pelo Núcleo de Combate à Desinformação durante o período das enchentes no Rio Grande do Sul demonstra claramente como a desinformação infiltra-se em momentos de calamidade. As fake news disseminadas

evidenciam a fragilidade da confiança pública e a dificuldade em preencher as lacunas criadas pelos conteúdos enganosos.

A análise revela a complexidade e os desafios enfrentados na luta contra a desinformação climática durante a crise das enchentes no Rio Grande do Sul. Embora a estratégia adotada tenha incluído uma variedade de abordagens linguísticas, como as previamente citadas, os dados recolhidos na pesquisa declararam que apenas uma fração dos conteúdos vinculados a redes sociais alcançou uma resposta positiva do público, evidenciando a resistência da população em aceitar informações oficiais. Esse fenômeno pode ser atribuído a uma combinação de fatores, incluindo a saturação de informações, a prevalência de fake news e a desconfiança nas instituições.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, A. Communicating global responsibility? Discourses on climate change and citizenship. [s.l]: s.n]. Disponível em: <http://www.gci.org.uk/Documents/Anna_Carvalho.pdf>. Acesso em: 30 set. 2024.

Climate Action Against Disinformation | Climate Mis-/Disinformation Backgrounder. Disponível em: <<https://caad.info/analysis/briefings/climate-mis-disinformation-backgrounder/>>. Acesso em: 30 set. 2024.

Combate à desinformação. Disponível em: <<https://sosenchentes.rs.gov.br/combate-a-desinformacao>>. Acesso em: 30 set. 2024.

NETLAB. Enchentes no Rio Grande do Sul: uma análise da desinformação multiplataforma sobre o desastre climático. [s.l]: s.n].

Vista do Rio Grande do Sul e o ecossistema da desinformação. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/612/505>>. Acesso em: 30 set. 2024.